

AS POLÍTICAS PÚBLICAS FRENTE A TRANSFORMAÇÃO DA SOCIEDADE

Gustavo Biscaia de Lacerda
(Organizador)



Gustavo Biscaia de Lacerda
(Organizador)

As Políticas Públicas frente a Transformação da Sociedade

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Rafael Sandrini Filho
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.ª Dr.ª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
P769	As políticas públicas frente a transformação da sociedade [recurso eletrônico] / Organizador Gustavo Biscaia de Lacerda. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-528-0 DOI 10.22533/at.ed.280190907 1. Brasil – Política e governo. 2. Políticas públicas – Brasil. 3. Sociedade. I. Lacerda, Gustavo Biscaia de. CDD 320.981
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

“A sociedade em transformação”: à primeira vista, essa frase pode parecer uma redundância, na medida em que, por definição, todas as sociedades estão sempre mudando, seja por meio da sucessão das gerações, seja por meio de inovações (intencionais ou não, grandes ou pequenas), seja por meio de mudanças ambientais. Nesse sentido, há 25 séculos, Aristóteles formalizava a concepção grega de que, em contraposição à orbe celeste – imutável, perfeita e incorruptível –, o mundo sublunar caracteriza-se pela corruptibilidade e pelas constantes mudanças.

Ora, o sentido específico da presente afirmação da “transformação da sociedade” consiste nos fatos de que as sociedades contemporâneas vivem as mudanças conscientemente; de que as mudanças sucedem-se com grande rapidez e de que – e isto é o mais importante para nós – desejamos ativamente as mudanças. É na busca ativa das mudanças sociais que as políticas públicas assumem um caráter especial, na medida em que é graças à ação coordenada do Estado com e sobre a sociedade que se pode implementar, de maneira razoavelmente racional, planejada e sujeita ao permanente escrutínio público, todo um conjunto de medidas que visam a melhorar o bem-estar social, bem como o equilíbrio ambiental.

Nesses termos, o presente livro reúne 31 artigos que abordam de diferentes maneiras seja a organização do Estado com vistas à execução de políticas públicas, sejam aspectos de variadas políticas públicas específicas, sejam problemas relacionados à atuação de agentes jurídicos com vistas à imposição de políticas públicas.

Espelhando a variedade de temas, os autores dessa trintena de artigos têm as mais variadas formações acadêmicas e políticas, que vão desde a Sociologia até a Medicina, desde a Fisioterapia até a Gestão de Políticas Públicas, desde o Serviço Social até o Direito, sem deixar de lado as modalidades de interdisciplinaridade que consistem em ter uma formação inicial em uma área e realizar pesquisas pós-graduada em outras áreas. Igualmente, a titulação desses pesquisadores é variada, passando por estudantes de graduação e chegando a doutores e a pesquisadores com pesquisas pós-doutorais.

De qualquer maneira, acima dessa variedade temática, disciplinar e profissional – que, em todo caso, apenas realça a qualidade do presente livro –, está o fato de que os autores evidenciam todos o compromisso intelectual e também político com o aperfeiçoamento das instituições públicas que visam ao bem-estar social, em suas mais diversas manifestações. Ler os artigos seguintes é aprender a diversidade de possibilidades de realizar a “transformação social” – e, bem entendido, de realizar essa transformação para melhor.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A AUTONOMIA FINANCEIRA CONDICIONADA DA FEDERAÇÃO BRASILEIRA	
Bruna Lietz	
DOI 10.22533/at.ed.2801909071	
CAPÍTULO 2	13
ATORES, INSTITUIÇÕES E O DESENHO ORIGINAL DO REGIME DE BEM-ESTAR BRASILEIRO	
Oleg Abramov	
DOI 10.22533/at.ed.2801909072	
CAPÍTULO 3	31
O DESAFIO DA LAICIDADE DIANTE DO FUNDAMENTALISMO RELIGIOSO NUMA SOCIEDADE MULTICULTURAL E PLURALISTA: PERSPECTIVAS, INTERLOCUÇÕES E DIÁLOGOS	
Celso Gabatz	
DOI 10.22533/at.ed.2801909073	
CAPÍTULO 4	43
MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS E HERMENÊUTICA DIATÓPICA: DIREITOS HUMANOS NA SOCIEDADE GLOBAL EM REDE	
Guilherme Pittaluga Hoffmeister	
Karen Emilia Antoniazzi Wolf	
DOI 10.22533/at.ed.2801909074	
CAPÍTULO 5	55
AS INOVAÇÕES TRAZIDAS ATRAVÉS DO ACORDO TRIPS EM RELAÇÃO ÀS PATENTES DE MEDICAMENTOS E O ÓBICE AO ACESSO A FÁRMACOS	
Daiana Cristina Cardoso Pinheiro Machado	
Tamara Lemos Moreira	
DOI 10.22533/at.ed.2801909075	
CAPÍTULO 6	66
GEIROSC - GRUPO DE ESTUDOS SOBRE IMIGRAÇÕES PARA A REGIÃO OESTE DE SANTA CATARINA : APOIO E ATENDIMENTO AO IMIGRANTE	
Sandra de Avila Farias Bordignon	
Deisemara Turatti Langoski	
DOI 10.22533/at.ed.2801909076	
CAPÍTULO 7	81
A CENTRALIDADE DO TRABALHO E O JOVEM “NEM-NEM”	
Roseli Bregantin Barbosa	
Maria Tarcisa Silva Bega	
DOI 10.22533/at.ed.2801909077	
CAPÍTULO 8	91
A ESCRAVIDÃO NO SÉCULO XXI E SEUS REFLEXOS SOBRE A SOCIEDADE E OS MEIOS DE PRODUÇÃO: BRASIL, EUA E CUBA	
Michele Lins Aracaty e Silva	
Fábio Augusto de Cristo Batista	
DOI 10.22533/at.ed.2801909078	

CAPÍTULO 9	113
O NOVO CENÁRIO SINDICAL E AS GARANTIAS DE DIREITOS DOS TRABALHADORES	
Nathália Gonçalves Zapparoli	
DOI 10.22533/at.ed.2801909079	
CAPÍTULO 10	126
DESENVOLVIMENTO SOCIOECONÔMICO E OS IMPACTOS DO PROGRAMA BOLSA FAMÍLIA (2016)	
Talismara Guilherme Molina	
Hélio Alexandre da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.28019090710	
CAPÍTULO 11	138
POLÍTICA PÚBLICA NA AGRICULTURA FAMILIAR (PRONAF): CONSIDERANDO A DISTRIBUIÇÃO DE RECURSO DO POSTO DE ATENDIMENTO DA CRESOL DE LAURO MÜLLER (SC)	
Edivaldo Lubavem Pereira	
Eduardo Gonzaga Bett	
Walquiria Guedert Mendes	
DOI 10.22533/at.ed.28019090711	
CAPÍTULO 12	155
AS POLÍTICAS PÚBLICAS PARA AS COMUNIDADES QUILOMBOLAS NO BRASIL	
Cássius Dunck Dalosto	
João Augusto Dunck Dalosto	
Celso Lucas Fernandes Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.28019090712	
CAPÍTULO 13	167
POLÍTICA HABITACIONAL E O PROCESSO DE EXPANSÃO URBANA NA CIDADE DE TERESINA-PI E SUAS TRANSFORMAÇÕES SOCIOESPACIAIS	
Erick Oliveira Silva	
DOI 10.22533/at.ed.28019090713	
CAPÍTULO 14	179
O PROGRAMA ESCOLA E MUSEU COMO UMA POLÍTICA DE FORMAÇÃO CULTURAL NO ÂMBITO DA SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DO RIO DE JANEIRO (SME/RJ)	
Priscila Matos Resinentti	
Cristina Carvalho	
DOI 10.22533/at.ed.28019090714	
CAPÍTULO 15	190
A DESIGUALDADE DE GÊNERO QUE REFLETE NO ENCARCERAMENTO FEMININO BRASILEIRO	
Josiane Pantoja Ferreira	
Maria Helena de Paula Frota	
DOI 10.22533/at.ed.28019090715	
CAPÍTULO 16	200
ATUAÇÃO DAS MULHERES EM CARGO DE LIDERANÇA EM UMA INSTITUIÇÃO PÚBLICA DE ENSINO	
Priscila Terezinha Aparecida Machado	
DOI 10.22533/at.ed.28019090716	

CAPÍTULO 17	220
AZUL OU ROSA NÃO ME DEFINEM: UMA ANÁLISE DO ACESSO A EDUCAÇÃO SEGUNDO A IDENTIDADE DE GÊNERO	
Gabriel Andrades dos Santos João Felipe Lehmen	
DOI 10.22533/at.ed.28019090717	
CAPÍTULO 18	232
O DESRESPEITO À INTEGRIDADE FÍSICA E PSÍQUICA DOS ANIMAIS E SUAS POSSÍVEIS RELAÇÕES COM OUTRAS FORMAS DE MANIFESTAÇÃO DE VIOLÊNCIA HUMANA: UM OLHAR SOB O FOCO DA POLÍTICA PÚBLICA PROTETIVA DOS ANIMAIS	
Nilsen Aparecida Vieira Marcondes	
DOI 10.22533/at.ed.28019090718	
CAPÍTULO 19	263
POLÍTICAS PÚBLICAS PROTETIVAS DA INTEGRIDADE FÍSICA E PSÍQUICA DOS ANIMAIS NÃO HUMANOS: UMA REFLEXÃO NO ÂMBITO MUNICIPAL	
Nilsen Aparecida Vieira Marcondes	
DOI 10.22533/at.ed.28019090719	
CAPÍTULO 20	287
TRANSFORMAÇÕES NOS HÁBITOS DE CONSUMO DA JUVENTUDE RURAL: ESTUDO DE CASO DO MUNICÍPIO DE CANGUÇU/RS	
Silvana de Matos Bandeira Éder Jardel da Silva Dutra	
DOI 10.22533/at.ed.28019090729	
CAPÍTULO 21	300
AVALIAÇÃO DAS POLÍTICAS PÚBLICAS VOLTADAS AOS USUÁRIOS DE ALCOOL E DROGAS DO MUNICÍPIO DE SEROPÉDICA	
Cibele Araújo da Silva Ramona Marcelle dos Santos Lavouras Vanessa Cristina dos Santos Saraiva	
DOI 10.22533/at.ed.28019090721	
CAPÍTULO 22	311
HUMANIZAÇÃO NOS PRESÍDIOS: ESTUDO SOBRE GESTÃO SOLIDÁRIA	
João Luiz Mendonça dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.28019090722	
CAPÍTULO 23	322
DIREITO FUNDAMENTAL DE ACESSO À INFORMAÇÃO E PROCESSO ADMINISTRATIVO: UMA PREMISSE DO <i>FREEDOM OF INFORMATION ACT</i> (FOIA) NORTE-AMERICANO	
Andressa Sloniec Gerson De Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.28019090723	

CAPÍTULO 24 335

A PROBLEMÁTICA AMBIENTAL E SUA COMPLEXIDADE: UM ESTUDO DA INCORPORAÇÃO DA RESPONSABILIDADE SOCIOAMBIENTAL NAS EMPRESAS E DA PERCEPÇÃO TÉCNICA JURÍDICO-AMBIENTAL NO BRASIL

Marco Antônio Pontes Aires
Isabel Christine Silva De Gregori

DOI 10.22533/at.ed.28019090724

CAPÍTULO 25 349

EFETIVAÇÃO DO CONHECIMENTO ACERCA DOS DIREITOS DOS USUÁRIOS DO SUS

Davi Alves Moura
Erivalda Maria Ferreira Lopes
Francisca Adelanina Paulino da Silva
Lisley Medeiros Garcia
Rosa Camila Gomes Paiva
Sandra Fernandes Pereira de Melo

DOI 10.22533/at.ed.28019090725

CAPÍTULO 26 353

A EXTINÇÃO DE PUNIBILIDADE NOS CRIMES DE SONEGAÇÃO FISCAL: UMA ABORDAGEM GARANTISTA

Alessandra Knoll
Luiz Henrique Urquhart Cademartori

DOI 10.22533/at.ed.28019090726

CAPÍTULO 27 365

A METÁFORA DA CAÇA ÀS BRUXAS E SUAS REPRESENTAÇÕES: UMA ANÁLISE DA MEDIDA DA INSTITUCIONALIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA SEXUAL CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES NA EXPOSIÇÃO DO DISCURSO JURÍDICO

Bianca Larissa Soares de Jesus Roso
Priscila Cardoso Werner

DOI 10.22533/at.ed.28019090727

CAPÍTULO 28 380

UMA VISÃO PARTICIPATIVA NA ABORDAGEM DAS DEMANDAS SOCIAIS NOS CURSOS JURÍDICOS COMO CONDIÇÃO ESSENCIAL DE CIDADANIA

Rosane Beatris Mariano da Rocha Barcellos Terra
Maria Paula da Rosa Ferreira
Thomaz Delgado de David
João Antônio de Menezes Perobelli
Rafaela Bogado Melchioris
Gabriel Dewes Monteiro

DOI 10.22533/at.ed.28019090728

CAPÍTULO 29 392

A AUDIÊNCIA PÚBLICA COMO INSTRUMENTO DE PARTICIPAÇÃO POPULAR E A EXPERIÊNCIA “O MP VAI ÀS RUAS”, DO MINISTÉRIO PÚBLICO DE SANTA CATARINA, EM 2010

Alex Sandro Teixeira da Cruz
André Garcia Alves Cunha

DOI 10.22533/at.ed.28019090729

CAPÍTULO 30	403
O MEDIADOR COMO MEIO MATERIALIZADOR DO EXERCÍCIO DE CIDADANIA E DE HUMANIZAÇÃO DO PROCESSO	
Carolina Portella Pellegrini	
Carolina Mota de Freitas	
DOI 10.22533/at.ed.28019090730	
CAPÍTULO 31	418
NOVAS MÍDIAS, DEMOCRACIA E CIDADANIA: O EMBATE MODERNO DAS NOVAS FORMAS DE COMUNICAÇÃO NO AUXÍLIO DO EXERCÍCIO DA CIDADANIA VS O POSSÍVEL DISTANCIAMENTO DA VIDA PÚBLICA	
Eduardo da Silva Fagundes	
Luiz Henrique Silveira dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.28019090731	
SOBRE O ORGANIZADOR	432
ÍNDICE REMISSIVO	433

TRANSFORMAÇÕES NOS HÁBITOS DE CONSUMO DA JUVENTUDE RURAL: ESTUDO DE CASO DO MUNICÍPIO DE CANGUÇU/RS

Silvana de Matos Bandeira

Doutora em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Canguçu/RS

Éder Jardel da Silva Dutra

Universidade Federal do Rio Grande (FURG),
Bolsista do Programa Nacional de Pós-Doutorado (PNPD)

Canguçu/RS

RESUMO: O presente artigo tem por objetivo analisar as transformações nos hábitos de consumo dos jovens rurais de Canguçu/RS. A cidade local teve, nos últimos anos, um aumento na demanda por produtos diversos (automóveis, telefones celulares, roupas, equipamentos e insumos agrícolas, dentre outros) por parte do meio rural. No decorrer deste trabalho, procuramos esclarecer o papel da juventude rural nesse processo, pois é a faixa etária mais aberta às novidades e à influência da publicidade. A pesquisa foi realizada a partir de dados secundários, principalmente do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e da Fundação Estadual de Economia e Estatística (FEE); já a pesquisa de campo foi realizada com entrevistas a 23 pessoas influentes da cidade de Canguçu (retratadas como A, B, C, etc.). Constatou-se que a juventude rural passou a ter mais contato com

o modo de vida urbano, devido ao maior acesso a tecnologias de comunicação e transporte, e vem apresentando cada vez mais semelhanças nas aspirações e nos hábitos de consumo com os jovens das cidades.

PALAVRAS-CHAVE: Consumo. Juventude Rural. Canguçu/RS

TRANSFORMATIONS IN RURAL YOUTH CONSUMPTION HABITS: A CASE STUDY OF THE MUNICIPALITY OF CANGUÇU / RS

ABSTRACT: In the present article, we aim to analyze the transformation in the consumption habits of the rural youth of Canguçu/RS. In recent years, the municipality has seen an increase in demand for various products in its rural area, products such as automobiles, mobile phones, clothes, agricultural equipment and inputs, among others. In the course of this work, we tried to clarify the role of rural youth in this process of change in consumption, we chose this rural youth since is the age group most open to novelties and influences of advertisement. We carried out this research utilizing a secondary data, mainly from the Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (Brazilian Institute of Geography and Statistics - IBGE) and the Fundação Estadual de Economia e Estatística (State Foundation of Economy and

Statistics - FEE); the field research, on the other hand, was carried out by us through the interviewing of 23 influential people from the same municipality (portrayed as A, B, C, etc.). We found that the rural youth has come to have more contact with the urban way of life, that is due to a greater access to communication and transport technologies, this way presenting more similarities in both aspirations and consumption habits between the rural and city youths.

KEYWORDS: Consumption. Rural Youth. Canguçu/RS.

1 | INTRODUÇÃO E METODOLOGIA

Canguçu é um município localizado na metade sul do Rio Grande do Sul e possui 3.525,293km² de área, conforme mostra a Figura 1.

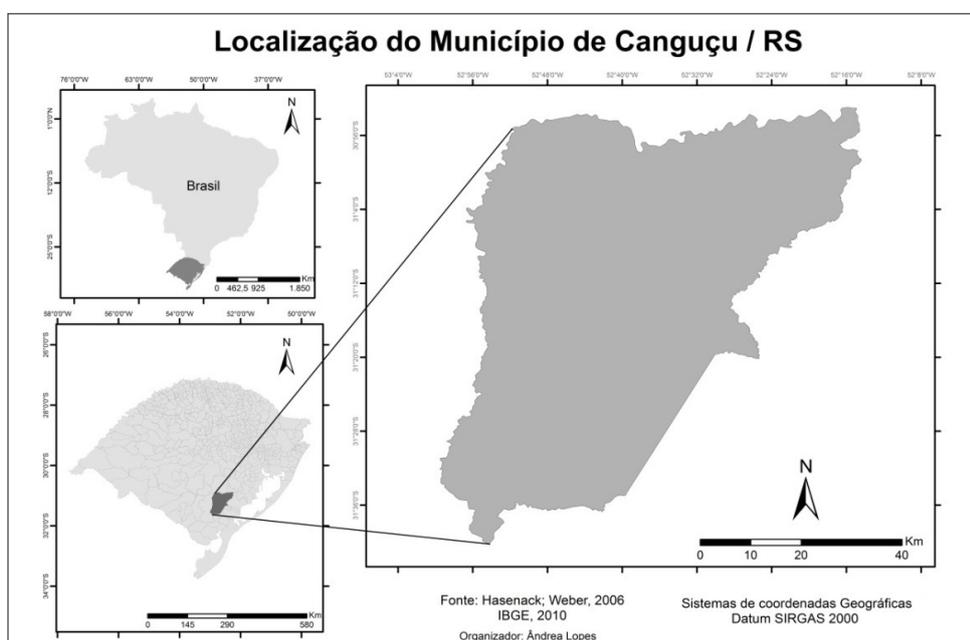


Figura 1 – Localização do município de Canguçu/RS

Fonte: IBGE, 2010. Organizado por Ândrea Lopes.

Observa-se que, ao contrário da maioria dos pequenos municípios brasileiros, a população canguçuense voltou a aumentar nos últimos anos, isto é, houve um acréscimo de 1.812 pessoas do censo de 2000 para o de 2010. No censo de 2010, o município contava com 53.259 habitantes. Ademais, a dedicação da maior parte da população às atividades agrícolas e o envelhecimento da população no município contribuíram para que em 2015 houvesse, segundo o INSS, 19.260 benefícios em manutenção no município, predominantemente no meio rural. Nesse contexto, a juventude rural, cuja representatividade na pirâmide etária da população rural do município pode ser observada no Gráfico 1, foi o nosso objeto de pesquisa.

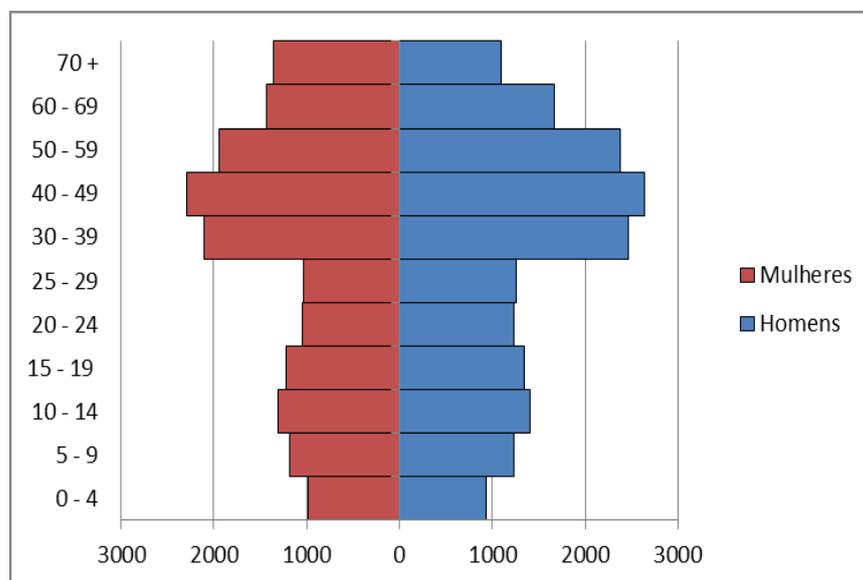


Gráfico 1 – Pirâmide etária da população rural em Canguçu – 2010

Fonte: IBGE, Censo 2010.

Observa-se, no Gráfico 1, que a população do meio rural de Canguçu está concentrada na faixa etária acima de 30 anos, até o estrato de 60 anos. Assim sendo, nota-se a diminuição da juventude rural. O censo de 2010, por exemplo, apresenta algumas características da juventude rural canguçuense que nos leva a refletir: ao compararmos as faixas etárias de 0-4 anos e de 5-9 anos, podemos ver uma redução da taxa de natalidade e, ao analisarmos as faixas etárias de 10-14 anos e 15-19 anos, percebemos que também ocorre uma redução de jovens, devido à migração para os centros urbanos, principalmente em busca de oportunidades de estudo.

Descrevemos, primeiramente, os procedimentos metodológicos utilizados na realização da presente pesquisa. Inicialmente foram aplicados 445 questionários a jovens rurais canguçuenses, cuja idade variou entre 14 e 24 anos. O público-alvo foram os jovens que estavam concluindo o Ensino Fundamental e o Ensino Médio. Foram aplicados questionários a cerca de 50% dos jovens rurais concluintes do Ensino Fundamental, por distrito, e a 100% dos jovens rurais concluintes do Ensino Médio do município. Como esses jovens estão concluindo uma etapa da educação formal e precisam decidir sobre seu futuro, pareceram, portanto, os mais indicados para a pesquisa. Quanto ao 5º distrito, por ser o menos povoado do município, aplicouse o questionário a 100% dos alunos concluintes do Ensino Fundamental.

Entrevistamos, ainda, 23 pessoas de destaque na sociedade local, qual seja, representantes de órgãos públicos, entidades de classe, extensionistas e outros. Os resultados que haviam sido obtidos dos questionários, serviram de ponto de partida para as entrevistas, que foram de fato a pesquisa de campo, cujos resultados são discutidos neste artigo. Os principais temas abordados nas entrevistas foram:

- As características da relação campo-cidade em Canguçu;

- Mudanças no poder aquisitivo dos principais grupos de produtores rurais em Canguçu e os efeitos que a renda destes gera na cidade;
- Transformações nos hábitos de consumo dos jovens rurais de Canguçu.

No decorrer deste trabalho, procuramos descrever e explicar o contexto social e econômico em que vivem os jovens rurais canguçuenses e as transformações percebidas em seus hábitos de consumo.

2 | O CONSUMISMO: UM MODO DE VIDA CONTEMPORÂNEO

A industrialização criou produtos diversificados para as mais variadas finalidades, e, por isso, tornou-se necessário estimular o consumo para que esses produtos gerassem lucro para o sistema capitalista. Assim sendo, o consumo passou a ser fortemente incentivado por intermédio de uma cultura de massa a partir da revolução industrial, já que, quanto maior o consumo, mais se acelera o ciclo do capital, permitindo, desse modo, maiores lucros. Baudrillard (2014) esclarece que o consumo implica em produção, ou seja, ele faz emergir novas forças produtivas. Ambos não podem ser vistos de forma separada, visto que compõem uma unidade. Se o consumo induz a mais produção, a produção também induz ao consumo. Todos são “convocados”, através da publicidade, para consumir, e a maioria atende ao “chamado” sem questionar a fundo as razões pelas quais está consumindo.

Consumir se tornou especialmente importante, se não central, para a maioria das pessoas que consideram esse ato o verdadeiro propósito da existência.

Para que uma sociedade adquira este atributo, a capacidade profundamente individual de querer, desejar e almejar deve ser, tal como a capacidade de trabalho na sociedade de produtores, destacada (“alienada”) dos indivíduos e reciclada/reificada numa força externa que coloca a sociedade de consumidores em movimento e a mantém em curso como uma forma específica de convívio humano, enquanto ao mesmo tempo estabelece parâmetros específicos para as estratégias individuais de vida que são eficazes e manipula as probabilidades de escolha e conduta individuais (BAUMAN, 2008, p. 41).

Ocorreu, na sociedade, uma “revolução consumista” na qual as pessoas querem a posse de objetos que lhes proporcionem conforto e/ou o respeito que “outorgam” a seus donos. Em tempos anteriores, adquirir bens dava a impressão de um futuro seguro, isto é, seus donos sentiam-se protegidos contra os caprichos da sorte. Bauman (2008, p. 43) esclarece que “na era sólido-moderna da sociedade de produtores, a satisfação parecia de fato residir, acima de tudo, na promessa de segurança em longo prazo, não no desfrute imediato dos prazeres”. Hoje, o indivíduo compra para satisfazer desejos imediatos, enquanto antes o fazia para satisfazer necessidades de longo prazo. Para que o sistema capitalista pudesse continuar crescendo, ele precisou causar mudanças nos hábitos de consumo, levando as pessoas a um volume de intensidade de desejos sempre crescentes, o que as faz substituir continuamente os objetos.

Segundo Baudrillard (2014, p. 95), “o consumo surge como conduta activa e

colectiva, como coacção e moral, como instituição. Compõe todo um sistema de valores, com tudo o que este termo implica enquanto função de integração do grupo e de controlo da sociedade”. Não apenas o produto é uma forma de distinção como também o uso que se faz dele, por exemplo: mesmo que duas pessoas tenham o mesmo tipo de computador com acesso à internet, as informações que são consumidas através dele são uma estratégia consciente/inconsciente para aproximar-se de um determinado grupo e não de outro. Em síntese, para se inserir em um grupo social, é preciso aprender a consumir como aquele grupo.

No que se refere ao consumo realizado por pessoas jovens, Rocha e Pereira (2009, p. 77) pensam de forma semelhante, pois afirmam que “os hábitos de consumo, com todos os seus símbolos traduzidos através de produtos e serviços, permitem que se faça uma leitura dos gostos e valores dos adolescentes”. Devido a essa relação, que é feita do objeto com a personalidade do consumidor, muitos consumidores compram por imitação, ou seja, procuram imitar os gostos de quem consideram em posição social superior.

A publicidade se encarrega de induzir ao consumismo, garantindo, assim, a reprodução do capital, e “ganha a importância de uma ideologia. É a ideologia da mercadoria, que substitui o que foi filosofia, moral, religião, estética” (LEFÈBVRE, 1991, p. 117). Ao ter o acesso ao consumo, o indivíduo se sente livre, porém estamos diante de apenas uma ideia aparente de liberdade.

Você está em casa, diante da lareira, que é povoada pela telinha (...) e alguém se ocupa de você. Esse alguém lhe diz como viver melhor: o que deve comer e beber, como vestir-se e mobiliar a casa, como habitar. E aí você está programado. Salvo neste ponto: sobra a você a tarefa de escolher entre todas estas coisas boas, e o ato de consumir continua sendo uma estrutura permanente (LEFÈBVRE, 1991, p. 117).

Assim, as necessidades, o consumo e os comportamentos se tornam padronizados enquanto tudo se torna mercadoria, contanto que se encontre quem venda e quem compre. A sociedade de consumo torna-se cada vez mais hegemônica e associa o ter/consumir à realização pessoal. Essa ideologia prega uma falsa liberdade, pois se trata de uma liberdade sob o “jugo” do consumo.

3 | MUDANÇA DO COMPORTAMENTO DOS JOVENS RURAIS DE CANGUÇU FRENTE AO CONSUMO

De acordo com o Estatuto da Juventude ([Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013](#)), são consideradas jovens as pessoas com idade entre 15 e 29 anos de idade. No entanto, Carneiro e Castro (2007) explicam que a faixa etária considerada jovem varia em cada local e em cada cultura. “Apesar disso, existe algum acordo na consideração da faixa etária de 15 a 24 anos, grosso modo, como o período da juventude, e a noção depende tanto da auto-identificação como do reconhecimento dos outros”

(CARNEIRO; CASTRO, 2007, p. 35).

Na pós-modernidade, os jovens rurais têm passado por transformações no seu modo de vida, e isso se repercute também na dificuldade de estabelecer condutas definidas pela faixa etária. Leccardi (2005), ao discutir a problemática, identifica, entre as mudanças que vêm ocorrendo na mentalidade dos jovens, uma mudança na noção de tempo, ou seja, está havendo uma valorização do presente e do futuro próximo em detrimento do futuro distante. “Há, por um lado, o prolongamento da fase juvenil e, por outro, a separação entre trajetórias de vida, papéis sociais e vínculos com o universo das instituições capazes de conferir uma forma estável à identidade” (LECCARDI, 2005 *apud* Carneiro; Castro, 2007, p. 35). É possível entrar no mercado de trabalho ou casar-se e logo em seguida voltar a ser um indivíduo sem renda ou solteiro e depender novamente dos pais. Inclusive a conclusão dos estudos não significa uma reviravolta significativa na vida dos jovens.

A sociedade pós-moderna tem a característica imediatista. Na sociedade “imediatista”, cada oportunidade é única e não pode ser desperdiçada. A demora em decidir implica em perda de oportunidades. Para os consumidores “imediatistas”, o motivo da pressa é o impulso de adquirir e juntar. Nessa cultura, querer que o tempo pare é sintoma de estupidez, preguiça ou inépcia.

Assim, quando os objetos dos desejos de ontem e os antigos investimentos da esperança quebram a promessa e deixam de proporcionar a esperada satisfação instantânea e completa, eles devem ser abandonados – junto com os relacionamentos que proporcionam um “bang” não tão “big” como se esperava (BAUMAN, 2008, p. 51).

Bauman (2001) explica, ainda, que passamos de uma modernidade sólida no fordismo para uma modernidade líquida, na qual a flexibilidade é a nova norma para todos os aspectos da vida do indivíduo. Na medida em que o modo de vida urbano ultrapassa os limites da cidade, leva consigo novas aspirações e desejos aos jovens do campo. A mesma informação e publicidade que chega à casa do jovem citadino também chega à casa dos jovens rurais através dos meios de comunicação, o que lhe desperta a vontade de adquirir objetos e serviços que lhes permitam incluir-se no modelo propagado pela mídia.

Lefèbvre (2008, p. 13) define sociedade urbana como “a sociedade que nasce da industrialização”. “O urbano ascende, assim, como horizonte, forma e luz (virtualidade que ilumina), ao mesmo tempo que como prática em desenvolvimento e como fonte e fundamento de uma natureza outra que a inicial” (LEFÈBVRE, 2008, p.101). O autor explica que primeiro o urbano, como modo de vida, afirma-se e, depois, explode para além da cidade. Logo, percebemos os jovens rurais tendo hábitos e comportamentos similares aos jovens urbanos.

E quem mais receptivo e sensível ao urbano do que os jovens? São eles os que mais se sentem atraídos por sua luz e os mais atingidos por sua explosão.

O urbano é o possível, definido por uma direção, no fim do percurso que vai em direção a ele. Para atingi-lo, isto é, para realizá-lo, é preciso em princípio contornar ou romper os obstáculos que atualmente o tornam impossível (LEFÈBVRE, 2008, p. 26)

Carneiro e Castro (2007, p. 150) explicam que “os processos culturais, políticos e econômicos do mundo contemporâneo, como a globalização, desemprego estrutural, migrações nacionais e internacionais, mundialização do capital, etc. envolvem todos os indivíduos na cidade e no campo”. Dessa forma, o campo não é mais o local de atraso, onde a informação e o acesso sempre chegavam por último, dado que muitos espaços rurais, que estão integrados ao sistema capitalista, apresentam jovens mais atualizados do que muitos jovens urbanos.

A aceleração do tempo de giro na produção envolve acelerações paralelas na troca e no consumo. Sistemas aperfeiçoados de comunicação e de fluxo de informações, associados com racionalizações nas técnicas de distribuição (empacotamento, controle de estoques, containerização, retorno do mercado etc.), possibilitaram a circulação de mercadorias no mercado a uma velocidade maior (HARVEY, 1998, p. 257).

Embora a sociedade de consumo tenha surgido nas cidades, com a “implosão” destas, ela atingiu o campo. O modo de vida rural vem se resignificando, isto é, ele está se transformando ao entrar em contato com o modo de vida urbano. Os habitantes do meio rural comportam-se de maneira semelhante aos moradores dos centros urbanos e utilizam as técnicas desenvolvidas na cidade, “artificializando” o campo e tornando esses espaços cada vez mais semelhantes. Além disso, os moradores do campo vêm perdendo a sua autonomia produtiva e passando a atender as demandas de mercados específicos para satisfazer gostos individuais e transitórios. Essa é a realidade presente no município de Canguçu, onde o aumento da renda média possibilitou novas diretrizes de consumo, basicamente influenciadores da juventude rural.

Segundo o SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas), o potencial de consumo urbano em Canguçu, no ano de 2016, era de R\$ 386 milhões. O município ocupava a 657^a posição no *ranking* nacional e a 58^a posição no *ranking* estadual. O PIB (Produto Interno Bruto) de Canguçu quadruplicou em 13 anos (Gráfico 12), e isso certamente é um fator que contribuiu para o aumento do consumo local, posto que apenas o desejo de comprar não se efetiva sem uma base econômica.

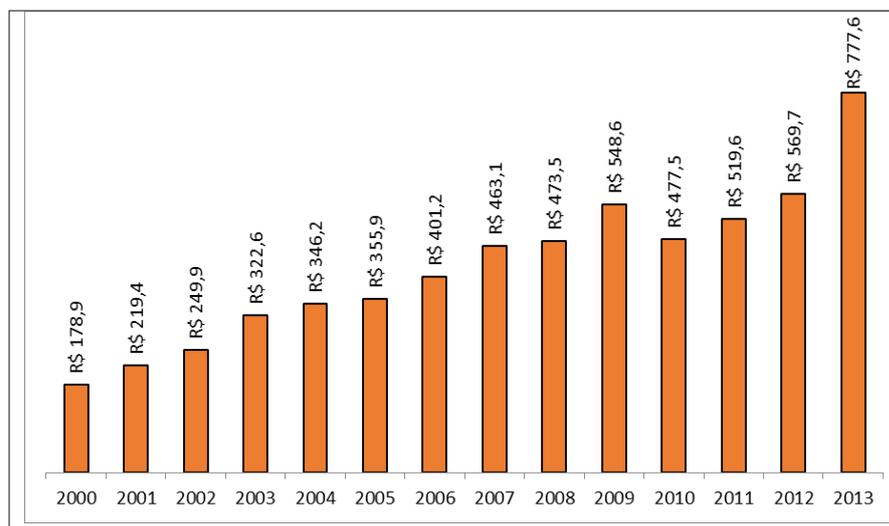


Gráfico 1 – Produto Interno Bruto do município de Canguçu (2000 – 2013) em milhões

Fonte: SEBRAE com base na FEE – RS.

De acordo com o IBGE, o aumento no consumo também se refletiu em alguns bens duráveis. O consumo de aparelhos de televisão e de automóveis chama a atenção por apresentar um aumento maior no meio rural quando comparado ao urbano em Canguçu. Em dez anos, a posse de televisão teve um aumento de 11,05% no meio rural e de 4,15% na cidade. A aquisição de automóvel, por sua vez, teve um crescimento de 9,78% no meio rural, enquanto na cidade cresceu 5,6%. A compra de TV pode ter contribuído para a redução do uso tradicional do rádio no meio rural, uma vez que o consumo desse objeto apresentou queda no período analisado.

Na Tabela 1, observamos que, quanto mais jovem é o canguçuense, mais ele tem o hábito de ir ao centro semanalmente e, à medida que é mais idoso, a tendência é que vá ao centro mensalmente ou esporadicamente. Se excluirmos da nossa análise a linha da frequência “esporadicamente”, veremos que ocorre o seguinte fenômeno: são os jovens os que mais frequentam o centro (84%), frequência que vai diminuindo nas faixas etárias a seguir. Todavia, na faixa acima de 60 anos, ela volta a aumentar (64,3%), o que se justifica pela aposentadoria conquistada pela maioria dos canguçuenses, cujo recebimento mensal e possíveis compras são feitas nas agências bancárias, lojas e supermercados do centro de Canguçu.

Com qual frequência o (a) Sr.(a) vai ao centro da cidade fazer compras?	16 a 24 anos	25 a 34 anos	35 a 44 anos	45 a 59 anos	Acima de 60 anos	Geral do município
Diária	-	4,4	11,9	2,1	4,3	4,8
Semanal	40,0	22,2	18,6	18,1	14,3	19,8
Mensal	44,0	46,7	40,7	37,2	45,7	41,6
Esporadicamente	16,0	26,7	40,7	42,6	35,7	33,8
Total percentual	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Tabela 1 – Análise da relação entre frequência de ir ao centro da cidade fazer compras e faixa etária (%) (Em relação a 96,1% que têm o hábito de ir ao centro da cidade)

Fonte: Pesquisa realizada pelo IPO nos dias 30 de julho e 07 de agosto de 2011.

Esses dados são apenas alguns exemplos que demonstram o aumento do consumo no município, proporcionado pelo aumento de renda gerado pelas atividades econômicas de tabaco e soja, bem como da renda que ingressa no município por intermédio dos aposentados. A seguir, veremos o papel do jovem rural como consumidor nesse contexto.

4 | O ÊXODO RURAL E O ACESSO AO CONSUMO COMO DESEJOS DA MAIORIA DA JUVENTUDE RURAL

Santos (2012) explica que o desenvolvimento dos transportes, como ônibus e automóvel, contribuiu para que as pessoas tivessem maior mobilidade e, conseqüentemente, maior poder de escolha sobre onde consumirão. Assim, muitas pessoas vão adquirir bens e serviços em locais distantes, onde o preço é mais atrativo. No entanto, quem costuma fazer essas “viagens para o consumo” são pessoas que dispõem de mobilidade; facilidade que, no território, é negada a quem possui menos renda. Santos (2012, p. 62) esclarece que “quem não pode mover-se periodicamente para obter os novos itens de consumo que a publicidade lhe insinua, acaba saindo de vez. Temos aí um novo motivo para o aumento do número de migrantes para centros maiores”.

Portanto, as transformações nas migrações são resultados de novas relações que se refletem na nova hierarquia urbana. Antes, ela se dava em cascata, seguindo a antiga hierarquia urbana. Contudo, hoje, ela se dá cada vez mais diretamente para os grandes centros.

Como as pequenas cidades não têm condições concretas de suprir-se de todos os bens e serviços, ou os vendem muito caro, acabam por perder boa parte de seus habitantes. A migração, em última instância, é, sem paradoxo, consequência também da imobilidade. Quem pode, como já mencionamos, vai consumir e volta ao lugar de origem. Quem não pode locomover-se periodicamente, vai e fica (SANTOS, 2012, p. 63).

Na propriedade familiar, geralmente a renda é indivisível e é necessário ter uma postura coletiva para sobreviver. Todos trabalham em prol do objetivo da propriedade,

e os lucros são administrados principalmente pelo homem mais velho da família. A resistência em ouvir as demandas dos demais membros do grupo familiar ou, até mesmo, a pouca margem de lucro de que a propriedade dispõe contribuem para que os jovens (principalmente do sexo feminino) sejam a faixa etária que mais deseja migrar para as cidades. A migração é vista como a oportunidade de buscar os seus interesses individuais e estabelecer territórios.

Já os que ainda permanecem nas propriedades vêm demonstrando transformações nos seus hábitos de consumo, que são descritas na fala dos diversos entrevistados, na sequência.

4.1 A percepção dos entrevistados em relação às transformações nos hábitos de consumo dos jovens rurais canguçuenses

O entrevistado A (Secretário Municipal da Fazenda, Indústria e Comércio) afirmou que hoje os jovens têm necessidade de consumir mais tecnologia, enquanto os pais consumiam apenas o necessário para o seu sustento. Os filhos têm novas necessidades e, com a melhora da renda, acabam consumindo mais.

A entrevistada B (comerciante tradicional de Canguçu) contou que os jovens rurais, ao contrário da geração dos seus pais, procuram estar atualizados com a moda.

Eles buscam os iguais tanto na roupa, quanto no alimento. O que um jovem se alimenta, o que um jovem faz, o outro... Eles buscam identidade através da alimentação, da roupa, como nos centros urbanos. (...) Aliás, acho que os urbanos não estão tanto quanto os do interior. Se não têm aquele moletom da GAP, eles não querem outro (ENTREV. B).

O entrevistado C (concessionário da rodoviária de Canguçu) contou que já chegou a vender 1.400 passagens diárias e hoje vende apenas 700 em média. Além disso, houve a redução de 28 horários de linhas. O arrefecimento do transporte coletivo no município começou em 1995 e se intensificou a partir de 2005.

Um dos fatores que contribuiu para a decadência do transporte coletivo no município, segundo ele, foi o “ciclo do carro”: Principalmente os produtores de tabaco começaram a comprar moto, carro e deixaram de utilizar o transporte coletivo.

Tem 5.500 plantadores de fumo no interior. Todo mundo aumentou o poder aquisitivo... Do micro, pequeno agricultor. (...) Eles têm um trator novo, uma camionete e moto para cada filho. Essa gente toda não viaja mais de ônibus. Então com o aumento do poder aquisitivo para o setor rodoviário foi... O progresso veio pra cidade, o comércio, enfim... Mas pra rodoviária (...) liquidou (ENTREV. C).

O entrevistado D (comerciante recente de Canguçu) considera o maior acesso à tecnologia pelos jovens rurais como positivo até para a loja que gerencia. Ele contou ter criado uma *fanpage* da loja no Facebook e, como esses jovens a acessam, atualizam-se sobre preços e ofertas. Assim, ele diz ter alcançado um público que antes não atingia.

No entanto, outros entrevistados veem como negativo o aumento das tecnologias no campo, pois os jovens aumentam a ilusão com as cidades, a partir

do que veem na mídia. O resultado que esse acesso vai trazer a longo prazo para a juventude rural é imprevisível.

A tecnologia sendo usada de forma positiva ou negativa, ela sempre vai ter um reflexo no comportamento e ela amplia o mundo. Há pouco tempo tu teria que... Pra ti conhecer algumas coisas, tu tem que ir, tu tem que sair, tu tem um custo maior para isto. Tem que ter às vezes até a coragem de sair da tua terra e buscar alguma coisa. Hoje o Google nos traz muita coisa. É te perguntar e ele te responde. Agora como é que o jovem vai filtrar isso aí é uma questão de educação, né? (ENTREV. E)

Se, antes, o jovem rural somente sabia o que estava acontecendo na própria propriedade, hoje ele tem acesso a informações de lugares distantes, o que muda a sua forma de ver o local onde vive e lhe “abre portas”. A entrevistada F (comerciante tradicional de Canguçu) observou que o acesso aos meios de comunicação e informação está mudando o comportamento do jovem rural.

Como se relacionam entre eles e também como família. A televisão, a internet... Está influenciando bastante, basicamente no comportamento dele como um todo. Até no comportamento de consumo, está se comprando muito pela internet, até no interior. O jovem tá comprando muito pela internet, consumindo muito pela internet. (...) Sabe o que as pessoas fazem? Ali no calçado mesmo. Eu vi determinado calçado na *Netshoes*, eu vim aqui experimentar para ver se me serve e eu vou comprar na *Netshoes*. Tu viu a insensibilidade?! A falta de sensibilidade das pessoas. Isso é insensatez. (...) Se tu vem em uma loja comprar, tu está ajudando a gerar emprego. Quantas pessoas dependem dali! (ENTREV. F)

No entanto, a entrevistada F (comerciante tradicional de Canguçu) teme que os novos hábitos que os jovens vêm adquirindo possam contribuir para uma gradativa desintegração campo-cidade local.

Acabam que nem a zona urbana, comprando onde lhe interessa. Então assim... Pra tu ser valorizado, tu tem que valorizar o outro. Como é que tu quer que a cidade te valorize se tu não tá valorizando o teu próprio espaço. É difícil das pessoas hoje saberem que tudo é uma engrenagem, que um depende do outro. Se tu valorizar o comércio, o comércio vai gerar impostos e estes impostos teriam de ser revertidos para um estímulo, um trabalho em prol do teu trabalho. (ENTREV. F).

O entrevistado G (comerciante recente de Canguçu) atribui em parte a mudança de comportamento dos jovens ao fato de que, atualmente, eles têm estudado mais que a geração anterior.

Hoje eu vejo a maioria desses jovens com um celular igual ao celular da cidade, sendo que há algum tempo atrás dificilmente a gente via um jovem com o mesmo aparelho, vamos dizer. E até mesmo a função de tecnologia, TV... Estas TV com antena de TV a cabo era só na cidade, hoje já tem pra fora e acho que o jovem que vem trazendo, ajudando neste sentido (ENTREV. G).

De acordo com os entrevistados, essa mudança de comportamento nos jovens foi mais identificada em famílias que se inseriram no tabaco (principalmente), na soja, na pecuária leiteira, ou seja, em atividades que causaram um aumento no poder aquisitivo da família.

A relação campo-cidade e as transformações dos hábitos de consumo dos jovens rurais de Canguçu podem ser sintetizadas da seguinte forma: as propriedades

que se inseriram na produção de cultivos para exportação (soja e tabaco) apresentam maior poder aquisitivo atualmente e vêm adotando mais tecnologias, o que contribui para facilitar a relação campo-cidade (transporte e comunicação) e integrar esses espaços. A cidade de Canguçu foi adaptando-se a essas transformações e conseguiu beneficiar-se do aumento do poder aquisitivo do seu entorno rural, ou seja, ela supre as necessidades básicas da população do campo (alimentação, vestuário, medicamentos, tecnologias para uso pessoal e profissional, insumos agrícolas, etc.).

A relação campo-cidade em Canguçu se intensificou nos últimos anos e os jovens contribuíram para isso, uma vez que são de uma faixa etária mais aberta ao consumo de novas tecnologias e ao vestir-se de acordo com a moda atual. Assim sendo, são consumidores assíduos do comércio da cidade local e incentivadores de que outros membros da família também venham a consumir mais. No entanto, novos hábitos que vêm sendo adquiridos pelos jovens, como a compra pela internet, podem indicar que Canguçu futuramente não seja mais visto como o local de consumo preferido.

O fato de o tabaco ser um produto economicamente promissor para pequenas propriedades contribuiu para amenizar, até então, o êxodo rural de jovens, além de ser um dos principais responsáveis pelo crescimento do comércio varejista na sede do município e pela construção direta e indireta de novas residências. A soja também vem se refletindo na cidade de Canguçu, porém em uma escala mais ampla, principalmente em compras de maquinários agrícolas e imóveis, o que beneficia menos comerciantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cidade local de Canguçu/RS articulou-se ao seu entorno rural, agora integrado ao capitalismo global e com indivíduos com desejo e poder aquisitivo para consumir. Ela passou a beneficiar-se da “luminosidade” que o campo começou a emanar, pois esteve permanentemente atenta às novas demandas que começaram a surgir. Se a população idosa rural aposentada vai à cidade local, percebe que nela há diversas opções em farmácias. Se os plantadores de tabaco e soja vão até ela, são oferecidas a eles diversas lojas de maquinários agrícolas e outros produtos voltados para a agricultura. Se os jovens rurais vão até a cidade, deparam-se com diversas opções de lojas de roupas e calçados, com produtos da última moda e tecnologias para uso pessoal, dentre outros exemplos. Portanto, dentro das suas limitações de pequena cidade, Canguçu supre as demandas básicas da população rural que, em sua maioria, não necessita ir a outros centros urbanos para comprar.

À medida que essa população rural começa a frequentar e interagir com o centro urbano, além de adquirir novas tecnologias de comunicação e transporte, tornase cada vez mais semelhante aos moradores do meio urbano. Os jovens rurais, principalmente, almejam também adquirir os produtos vistos através da publicidade e começam, a partir disso, a sonhar e a construir outro modo de vida, além de incentivar outros

membros da família a consumir também.

Assim sendo, lógicas coletivas como, por exemplo, a renda indivisível das tradicionais famílias camponesas, começam a ser questionadas por esses jovens que, agora, estão influenciados pela cultura urbana individualista. Quando veem perspectiva de lucro e ascensão social na propriedade familiar, sendo a soja em primeiro lugar e o tabaco em segundo, consideram mais a possibilidade de virem a se tornar sucessores na propriedade familiar. Já em propriedades cujas atividades econômicas estão em decadência, como as que produzem milho e as de pecuária de corte, os jovens consideram como alternativa mais vantajosa a migração para as cidades.

REFERÊNCIAS

BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade de consumo**. Lisboa/Portugal: Edições 70, 2014.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo**. A transformação das pessoas em mercadorias. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

CARNEIRO, Maria José; CASTRO, Elisa Guaraná (Orgs.). **Juventude rural em perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. 7 Ed. Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo: Loyola, 1998.

LECCARDI, Carmen. Por um novo significado do futuro, mudança social, jovens e tempo. *Tempo social, Revista de Sociologia da USP*, v. 17 (2): 35-57, nov., 2005

LEFÈBVRE, Henri. **A revolução urbana**. 3 Ed. Belo Horizonte: UFMG, 2008. 179p.

_____. **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo: Ática, 1991.

ROCHA, Everardo; PEREIRA, Cláudia. **Juventude e Consumo**. Um estudo sobre a comunicação na cultura contemporânea. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do Espaço Habitado**. 6 Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012. 132p.

Sites consultados: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. IBGE. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/>> Acesso em: 10 de março de 2018.

Perfil das Cidades Gaúchas – Canguçu. Disponível em: <http://ambientedigital.sebraers.com.br/Download/PerfilCidades/Perfil_Cidades_Gauchas-cangucu.pdf>. Acesso em 10 dez. 2016. Acesso em: 14 de março de 2018.

SOBRE O ORGANIZADOR

GUSTAVO BISCAIA DE LACERDA é Doutor em Sociologia Política pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC, 2010), Mestre em Sociologia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR, 2004) e Bacharel em Ciências Sociais pela UFPR (2001); entre 2012 e 2013 realizou estágio pós-doutoral em Teoria Política na UFSC. Desde 2004 é Sociólogo da UFPR. Suas principais áreas de atuação consistem em teoria política republicana; história das idéias; história política brasileira; pensamento político brasileiro; positivismo; políticas públicas e gestão universitária. Acesso ao currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7429958414421167>

ÍNDICE REMISSIVO

A

Autonomia financeira 1

C

Cargos de liderança 200

Cidadania 30, 41, 70, 124, 165, 231, 232, 253, 259, 260, 348, 380, 397, 411, 416, 418, 430

Condicionamento 1

Consumo 287, 299

Criança e adolescente 375

D

Demandas Sociais 380, 404

Democracia 29, 123, 261, 322, 328, 334, 352, 392, 418

Desenvolvimento Socioeconômico 126

Direitos Humanos 6, 31, 43, 50, 51, 55, 65, 66, 70, 71, 75, 76, 77, 78, 79, 177, 229, 230, 231, 254, 257, 260, 261, 264, 300, 305, 315, 320, 329, 374, 379, 416

Drogas 300, 302, 303, 305, 307, 309

E

Educação 25, 26, 66, 67, 68, 69, 70, 72, 73, 79, 80, 81, 125, 138, 177, 180, 181, 185, 186, 189, 199, 218, 219, 220, 227, 228, 229, 231, 232, 253, 254, 255, 257, 258, 259, 260, 269, 281, 311, 314, 316, 317, 320, 379, 416

F

Federalismo 1, 3, 5, 12

G

Gênero 190, 218, 219, 220, 222, 230, 231, 379

H

Humanização 311, 349, 350

I

Identidade 182, 220, 230, 231

Integridade Física e Psíquica 232, 234, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 263, 264, 265, 266, 267, 268, 269, 270, 271, 272, 273, 274, 275, 276, 277, 278, 279, 280,

281, 282, 283, 284, 285

L

legitimidade 10, 21, 32, 302, 353, 354, 355, 356, 357, 358, 359, 362, 364

M

Meio ambiente 335

Mercado de trabalho 190, 205

Mulheres 41, 76, 199, 200, 203, 206, 211, 218, 232, 253, 255, 259, 260, 369, 379

P

Pobreza 126, 136, 137, 153

Política Pública Protetiva 253, 254, 255, 256, 257, 259, 263, 264, 265, 266, 267, 268, 269, 272, 273, 274, 275, 276, 277, 278, 279, 280, 281, 282, 283, 284, 285

Política Social 13, 124

Proteção Animal 232

R

Responsabilidade Socioambiental 335, 341, 342

S

SUS 9, 309, 310, 349, 350, 351, 352

Sustentabilidade 335, 347, 348

V

Violência Humana 232

Violência sexual 365

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-528-0

